ISSN: 2358-8829

DA MAQUETE AO QR CODE: TECNOLOGIA ACESSÍVEL NA MEDIAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS PARA ESTUDANTES SURDOS

Francyscleyde Bezerra Silva [1]
Bruna Barros Cardoso [2]
Tânia Maria Gorette Donato Bazante [3]

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva pressupõe a construção de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças linguísticas, culturais e individuais dos estudantes, garantindo condições efetivas de acesso ao conhecimento e à participação no processo de ensino e aprendizagem em igualdade de condições e oportunidades.

Nesse contexto, a educação de estudantes surdos exige estratégias que considerem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de comunicação, interação e expressão e a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua (BRASIL, 2021).

Essa particularidade linguística representa um desafio para o desenvolvimento de práticas educativas, especialmente quando envolve a apropriação de conceitos específicos e de terminologias próprias das diferentes áreas do conhecimento. No ensino de Ciências, esse desafio torna-se ainda mais evidente, considerando a presença de nomenclaturas,

[1] Graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestra em Educação de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) cursando Especialização em Gestão pela Universidade Leonardo Da Vinci (Uniasselvi). E-mail: francyscleyde.silva@ufpe.br

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE) e Mestranda em Educação Inclusiva pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva (PROFEI) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: brubbc25@gmail.com

[3] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: tania.bazante@ufpe.br

conceitos abstratos e vocabulários científicos que nem sempre possuem correspondência direta ou sinais amplamente difundidos em Libras.

Dessa forma, é fundamental desenvolver recursos didáticos que favoreçam a compreensão dos conteúdos científicos e, simultaneamente, estimulem o contato dos estudantes surdos com a leitura e a escrita em Língua Portuguesa. Para isso, a utilização de diferentes linguagens e recursos visuais, associada às tecnologias digitais, pode contribuir significativamente para a construção de experiências de aprendizagem mais acessíveis e significativas (PEREIRA, 2014).

As tecnologias digitais, quando articuladas a propostas pedagógicas inclusivas, ampliam as possibilidades de comunicação, interação e construção do conhecimento. Recursos como vídeos, imagens, códigos QR e materiais audiovisuais em Libras permitem estabelecer conexões entre os conteúdos apresentados visualmente, sua representação linguística e a compreensão conceitual. Essa articulação favorece uma abordagem multimodal, na qual diferentes formas de representação da informação são utilizadas para atender às necessidades de aprendizagem dos estudantes surdos.

Diante dessas considerações, este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida a partir de uma feira de ciências realizada em uma escola da rede estadual de ensino, localizada no Sertão pernambucano, na qual maquetes produzidas por estudantes do anos finais do Ensino Fundamental, foram transformadas em recursos tecnológicos acessíveis. A iniciativa surgiu da atuação de profissionais da educação inclusiva, que identificaram nas produções dos estudantes a possibilidade de ampliar as estratégias de ensino e estimular a leitura em Língua Portuguesa por estudantes surdos, por meio da associação entre imagens, nomenclaturas científicas, QR codes e vídeos explicativos com tradução em Libras.

Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa, desenvolvido a partir da observação e da ampliação de uma atividade escolar realizada em uma feira de ciências. A experiência, com a participação de três estudantes surdos, consistiu na elaboração de placas com nomenclaturas científicas em Língua Portuguesa, associadas a QR codes que direcionavam a conteúdos audiovisuais com tradução em Libras e explicações visuais dos conceitos apresentados nas maquetes.

Essa experiência possibilitou discutir as contribuições da articulação entre recursos pedagógicos concretos, tecnologias digitais e acessibilidade linguística para o

ensino de Ciências. Durante a atividade, os estudantes responderam, em Libras, às perguntas das professoras, explicando conceitos científicos após a observação das maquetes, o acesso aos vídeos em Libras e a leitura das nomenclaturas escritas. Essa observação indica possibilidades de mediação pedagógica, sem permitir mensurar avanços na aprendizagem. Conclui-se que a integração desses recursos constitui uma estratégia pedagógica promissora para estimular a leitura e a ampliação do vocabulário científico em Língua Portuguesa como segunda língua, além de contribuir para práticas educativas mais inclusivas e acessíveis para o ensino de ciências.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa, pois permite compreender os significados, as percepções e as relações construídas pelos sujeitos em determinado contexto (MINAYO, 2001) e natureza descritiva que tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2008), desenvolvido no contexto de uma feira de ciências realizada em uma escola da rede estadual de ensino, no Sertão pernambucano, com a participação de três estudantes surdos.

A referida experiência teve como ponto de partida a observação das maquetes produzidas pelos estudantes na aula de Ciências e a identificação de possibilidades de ampliação de seu potencial pedagógico para atender às necessidades linguísticas dos estudantes surdos.

O percurso metodológico envolveu, inicialmente, a identificação dos conceitos científicos representados nas maquetes e a seleção das respectivas nomenclaturas em Língua Portuguesa. Em seguida, foram confeccionadas placas em alta definição contendo os termos científicos escritos, acompanhados de QR codes que direcionavam a materiais audiovisuais explicativos, com tradução em Libras e recursos visuais relacionados aos conteúdos abordados. Dessa forma, foi constituído um glossário interativo, integrando elementos visuais, linguagem escrita, Libras e tecnologias digitais. Na aplicação, os três estudantes surdos observaram as maquetes, acessaram os vídeos em Libras e leram as nomenclaturas científicas. Em seguida, responderam em Libras às perguntas formuladas pelas professoras, explicando os conceitos abordados.

Como recursos e ferramentas, foram utilizadas as maquetes pedagógicas, placas impressas em alta definição, códigos QR e conteúdos audiovisuais acessados por dispositivos digitais com acesso a tradução/interpretação em Libras. A análise da experiência fundamentou-se na descrição do processo de elaboração e aplicação do material, nas explicações em Libras apresentadas pelos estudantes durante as perguntas das professoras e na reflexão sobre suas possibilidades de contribuição para a acessibilidade linguística, a compreensão dos conceitos científicos e o estímulo à leitura em Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação de estudantes surdos deve considerar suas especificidades linguísticas e culturais, reconhecendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de comunicação, interação e construção do conhecimento e de significados. Nessa perspectiva, a educação bilíngue compreende a Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua (L2). Essa concepção representa uma mudança importante em relação às práticas educacionais que historicamente desconsideraram a língua de sinais nos processos de escolarização das pessoas surdas.

No contexto brasileiro, esse reconhecimento encontra respaldo na Lei nº 14.191/2021, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelecendo a educação bilíngue de surdos como modalidade de ensino, com a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua. A legislação também prevê a oferta de serviços de apoio educacional especializado para atender às especificidades linguísticas desses estudantes (BRASIL, 2021).

O ensino da Língua Portuguesa para estudantes surdos precisa considerar a condição dessa língua como segunda língua, valorizando a Libras como base para a construção de conhecimentos linguísticos. Nessa perspectiva, a aprendizagem da leitura e da escrita não deve ser conduzida exclusivamente por práticas fundamentadas na oralidade, mas por estratégias que considerem a experiência visual e linguística dos estudantes (PEREIRA, 2014). Assim, a educação de estudantes surdos deve considerar as especificidades linguísticas desse público, reconhecendo a importância da língua de sinais

no processo de aquisição da linguagem e no desenvolvimento educacional (QUADROS, 1997).

Lodi, Bortolotti e Cavalmoreti (2014) também destacam que as práticas de letramento de pessoas surdas envolvem relações entre duas línguas distintas (uma língua visuo-espacial e outra língua oral) e culturas (sinalizada e oralizada), exigindo propostas pedagógicas que reconheçam suas particularidades. Assim, o contato com palavras escritas, conceitos e diferentes gêneros textuais precisa ocorrer em situações contextualizadas e significativas para os estudantes sinalizantes, nas quais a Língua Portuguesa seja apresentada como instrumento de acesso à informação e ao conhecimento respeitando a cultura surda.

Dessa forma, o desenvolvimento de estratégias que associem palavras escritas, imagens e conteúdos em Libras pode favorecer a aproximação dos estudantes surdos com a Língua Portuguesa, especialmente quando o vocabulário trabalhado pertence a áreas específicas do conhecimento, como as Ciências, por meio de recursos visuais e interativos que considerem as especificidades linguísticas dos estudantes surdos.

A visualidade ocupa lugar fundamental nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, uma vez que as experiências visuais constituem importantes formas de acesso à informação, à comunicação e à construção de significados. Nesse sentido, a pedagogia visual propõe a utilização intencional de imagens, representações, esquemas, recursos gráficos e outros elementos visuais como instrumentos de mediação pedagógica.

Campello (2008), ao discutir a pedagogia visual na educação de surdos, destaca a importância da linguagem imagética e da visualidade na organização das práticas educativas. Essa perspectiva contribui para superar propostas de ensino centradas exclusivamente na transmissão oral de informações do mundo ouvintista, ampliando as possibilidades de representação e compreensão dos conteúdos a partir da especificidade surda.

No ensino de Ciências, a utilização de recursos visuais torna-se especialmente relevante devido à presença de conceitos abstratos, processos naturais, estruturas e terminologias específicas. Maquetes, ilustrações, modelos tridimensionais e representações esquemáticas permitem aproximar os conteúdos científicos de situações concretas, favorecendo a observação, a associação e a construção de significados dentro de práticas de letramento. Essas práticas na educação de surdos precisam considerar as

experiências culturais e linguísticas dos estudantes, articulando Libras, Língua Portuguesa e práticas sociais de leitura e escrita (KARNOPP; GURGEL, 2015).

Entretanto, a disponibilização de imagens e materiais concretos, isoladamente, não garante a acessibilidade linguística, pois a especificidade surda constitui-se por experiências visuais, linguísticas e culturais próprias, sendo importante reconhecer a identidade e as formas de compreender o mundo construídas pelas comunidades surdas (STROBEL, 2016). É necessário estabelecer relações entre as representações visuais, os conceitos científicos, a Libras e a Língua Portuguesa escrita. Essa articulação possibilita que o estudante não apenas visualize determinado fenômeno ou estrutura, mas também tenha acesso à sua denominação e explicação em diferentes modalidades linguísticas (Libras e Língua Portuguesa).

A visualidade ocupa papel fundamental nos processos de ensino e aprendizagem de estudantes surdos, uma vez que as experiências visuais e os recursos imagéticos podem atuar como instrumentos de mediação na construção do conhecimento (CAMPELLO, 2008). Nessa perspectiva, as maquetes pedagógicas com os QR codes podem ultrapassar sua função ilustrativa e assumir o papel de recursos mediadores da aprendizagem seguindo uma abordagem inclusiva. Quando acompanhadas de informações escritas e explicações em Libras, tornam-se instrumentos que aproximam a representação concreta dos conceitos científicos de sua construção linguística, ampliando as possibilidades de participação dos estudantes surdos nas atividades escolares de forma ativa e autônoma com o auxílio da tecnologia.

A incorporação das tecnologias digitais aos processos educativos tem ampliado as possibilidades de produção, circulação e acesso ao conhecimento. No contexto da educação inclusiva, esses recursos podem contribuir para diversificar as formas de apresentação dos conteúdos e oferecer diferentes caminhos de interação com a informação.

Para estudantes surdos, a utilização de materiais audiovisuais com tradução em Libras, imagens explicativas, vídeos e recursos interativos possibilita a articulação entre diferentes linguagens. Essa integração favorece experiências de aprendizagem multimodais, nas quais o conhecimento é apresentado por meio de recursos visuais, textuais, gestuais e digitais.

Entre as ferramentas disponíveis, destaca-se o QR Code, tecnologia que permite acessar conteúdos digitais por meio da leitura de um código utilizando dispositivos

eletrônicos, como smartphones e tablets. Quando associado a materiais pedagógicos impressos, esse recurso estabelece uma conexão entre o ambiente físico e os conteúdos digitais, permitindo ampliar as informações disponibilizadas ao estudante.

No contexto desta pesquisa, a utilização de QR Codes associados às placas de identificação das maquetes possibilita o acesso a vídeos explicativos com tradução em Libras e recursos visuais relacionados aos conceitos científicos apresentados, respeitando o Decreto nº 5.626/2005 que estabelece diretrizes para o uso e a difusão da Libras na educação, incluindo a oferta do ensino da Língua Portuguesa escrita como segunda língua para estudantes surdos (BRASIL, 2005).

Assim, a tecnologia não funciona apenas como ferramenta de acesso à informação, mas como elemento de articulação entre a palavra escrita, a língua de sinais e a representação visual do conhecimento.

As tecnologias digitais podem ampliar as possibilidades de ensinar e aprender, desde que sejam utilizadas com intencionalidade pedagógica e integradas às práticas educativas (MORAN, 2000). É importante destacar, contudo, que a tecnologia, por si só, não garante a inclusão. Sua contribuição depende da intencionalidade pedagógica, da qualidade e da acessibilidade dos materiais disponibilizados e de sua adequação às necessidades linguísticas dos estudantes. Desse modo, os recursos digitais precisam estar integrados a um planejamento que reconheça a diversidade dos sujeitos e promova condições efetivas de participação e aprendizagem. Na experiência relatada, as explicações em Libras integraram a mediação dos conceitos científicos apresentados nas maquetes.

A aprendizagem da Língua Portuguesa escrita por estudantes surdos envolve processos que consideram as relações entre a língua de sinais, os conhecimentos prévios e as experiências de leitura. Por essa razão, o desenvolvimento da competência leitora requer práticas que ultrapassem a simples memorização de palavras, favorecendo a compreensão dos significados e a utilização da língua em contextos reais de comunicação.

Pereira (2014) ressalta a importância de propostas de ensino de português como segunda língua que considerem as especificidades linguísticas dos estudantes surdos. Nessa direção, o trabalho com palavras e expressões deve estar associado a contextos significativos, possibilitando que os estudantes estabeleçam relações entre os elementos linguísticos e os conhecimentos que estão construindo.

No ensino de Ciências, essa questão ganha destaque diante da presença de vocabulários específicos, como nomes de estruturas, fenômenos, organismos e processos científicos. Muitas dessas nomenclaturas exigem explicações contextualizadas e recursos que favoreçam a associação entre o termo escrito e seu significado. Além disso, nem todos os conceitos científicos apresentam sinais amplamente difundidos ou correspondências diretas entre a Libras e a Língua Portuguesa, o que reforça a necessidade de estratégias que articulem diferentes formas de representação.

A construção de glossários visuais e interativos constitui uma possibilidade pedagógica para trabalhar esse vocabulário de maneira contextualizada. Ao apresentar uma palavra escrita associada à imagem correspondente e a uma explicação em Libras, cria-se uma oportunidade para que o estudante estabeleça conexões entre o conceito científico, sua representação visual e sua denominação em português apoiando uma educação bilíngue, reconhecida legalmente como modalidade de ensino que utiliza a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (BRASIL, 2021).

Desse modo, a proposta de construção de um glossário científico interativo, a partir das maquetes produzidas na feira de Ciências, fundamenta-se na articulação entre educação bilíngue, pedagogia visual e tecnologias digitais. Essa integração busca ampliar as possibilidades de acesso aos conceitos científicos e estimular o contato com a Língua Portuguesa escrita, respeitando a Libras como língua de comunicação e construção do conhecimento dos estudantes surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica evidenciou possibilidades de articulação entre acessibilidade linguística, tecnologias digitais e ensino de Ciências para três estudantes surdos de uma escola estadual do Sertão pernambucano. Durante a atividade, os estudantes observaram inicialmente as maquetes, acessaram vídeos explicativos em Libras por meio dos QR codes e, em seguida, realizaram a leitura das nomenclaturas científicas escritas em Língua Portuguesa nas placas de identificação.

Essa dinâmica articulou a representação concreta, a explicação do conceito em Libras e sua denominação escrita. Após essas etapas, os estudantes responderam em

Libras às perguntas formuladas pelas professoras, explicando os conceitos científicos apresentados. A partir dessa experiência, foram identificadas três categorias de análise: contato com a terminologia científica escrita em Língua Portuguesa; acessibilidade linguística e mediação visual; e integração entre tecnologias digitais e construção do conhecimento científico.

Um dos aspectos mais relevantes da experiência foi a organização de uma sequência que priorizava a observação das maquetes e o acesso aos vídeos explicativos em Libras antes da leitura das nomenclaturas científicas escritas em português. Posteriormente, as perguntas realizadas pelas professoras possibilitaram observar explicações dos conceitos científicos em Libras pelos estudantes.

Essa estratégia apresenta potencial para estimular o contato contextualizado com a terminologia científica escrita, uma vez que a palavra escrita não era apresentada de maneira isolada, mas associada a uma representação concreta e a uma explicação em Libras. Essa perspectiva dialoga com Pereira (2014), que defende práticas de ensino da Língua Portuguesa como segunda língua que considerem as especificidades linguísticas dos estudantes surdos.

A utilização dos QR codes permitiu que os estudantes acessassem explicações em Libras relacionadas aos conteúdos científicos apresentados nas maquetes. Esse procedimento contribuiu para aproximar as nomenclaturas em português dos conceitos correspondentes, considerando a Libras como língua de comunicação e construção do conhecimento. A associação entre palavra escrita, imagem e explicação em língua de sinais constituiu uma estratégia de mediação que respeitou a experiência visual dos estudantes surdos.

Essa abordagem relaciona-se às discussões de Campello (2008) sobre a pedagogia visual, especialmente quanto à importância de explorar diferentes recursos imagéticos e visuais nos processos educativos. Assim, a proposta ultrapassou a simples disponibilização de informações escritas, oferecendo diferentes possibilidades de acesso aos conceitos científicos.

A transformação das maquetes em recursos tecnológicos acessíveis demonstrou uma possibilidade de ressignificação dos materiais pedagógicos produzidos no cotidiano escolar. As maquetes passaram a funcionar como suportes para um glossário científico interativo, no qual cada nomenclatura escrita estava associada a um QR code que direcionava a um vídeo explicativo em Libras.

Essa integração permitiu que os estudantes percorressem um caminho entre a observação de sua representação concreta, o acesso à explicação do conceito em Libras e a identificação da palavra em português. A experiência dialoga com Lodi, Bortolotti e Cavalmoreti (2014), ao considerar a importância de práticas de letramento que reconheçam as relações entre diferentes línguas e as experiências dos sujeitos surdos. Nesse sentido, o recurso desenvolvido apresenta potencial para favorecer o contato com o vocabulário científico e ampliar as possibilidades de participação dos estudantes nas atividades escolares.

De maneira geral, os resultados da experiência evidenciam que a integração entre maquetes pedagógicas, nomenclaturas em Língua Portuguesa e vídeos explicativos em Libras constitui uma estratégia relevante de acessibilidade linguística no ensino de Ciências. Destaca-se, especialmente, a sequência pedagógica adotada, na qual a observação das maquetes e o acesso à explicação em Libras antecediam a leitura da palavra escrita, estabelecendo possibilidades de associação entre o registro escrito e o significado do conceito científico.

Embora não tenham sido realizadas avaliações específicas que permitam mensurar avanços na aprendizagem ou no desempenho leitor, a experiência indica o potencial de recursos multimodais para estimular o contato contextualizado com a Língua Portuguesa como segunda língua. Conclui-se que a proposta representa uma alternativa de inovação pedagógica, ao transformar produções escolares convencionais em recursos tecnológicos acessíveis e favorecer práticas educativas que valorizam a diversidade linguística e ampliam as oportunidades de acesso ao conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica apresentada neste trabalho permitiu refletir sobre as possibilidades de utilização das tecnologias digitais como instrumentos de acessibilidade linguística no ensino de Ciências para estudantes surdos do anos finais do Ensino Fundamental. A transformação das maquetes produzidas em uma feira de ciências em recursos tecnológicos acessíveis demonstrou que materiais pedagógicos convencionais podem ser ressignificados e ampliados por meio de estratégias que integram recursos visuais, Língua Portuguesa escrita e Libras, colaborando para a inclusão.

Um dos principais aspectos da proposta foi a sequência pedagógica estabelecida durante a atividade: inicialmente, os três estudantes surdos observavam as maquetes e acessavam vídeos explicativos em Libras por meio dos QR codes; posteriormente, realizavam a leitura das nomenclaturas científicas nas placas e respondiam, em Libras, às perguntas das professoras sobre os conteúdos apresentados. Essa organização possibilitou aproximar a palavra escrita de seu significado, por meio da representação visual e da explicação na língua de comunicação dos estudantes. Desse modo, a experiência evidenciou o potencial de práticas pedagógicas que valorizam a Libras e, simultaneamente, promovem o contato contextualizado com a Língua Portuguesa como segunda língua.

A proposta também dialoga com os pressupostos da educação bilíngue de surdos e com as discussões sobre pedagogia visual, ao reconhecer que a acessibilidade linguística exige mais do que a simples disponibilização de informações escritas. É necessário construir estratégias que considerem as especificidades dos estudantes e ofereçam diferentes possibilidades de acesso ao conhecimento. Nesse sentido, o glossário científico interativo constituiu uma alternativa de mediação pedagógica, articulando conceitos científicos, imagens, palavras escritas, vídeos e recursos digitais.

Como contribuição para a comunidade escolar e científica, a experiência apresenta uma possibilidade de reaproveitamento e ampliação de materiais didáticos já existentes, demonstrando que tecnologias de fácil acesso, como os QR codes, podem ser incorporadas ao planejamento pedagógico para favorecer práticas mais inclusivas. Além disso, a proposta pode ser adaptada a outras áreas do conhecimento, ampliando seu alcance para diferentes componentes curriculares e contextos educacionais.

Reconhece-se, entretanto, a necessidade de novas investigações que analisem de maneira mais aprofundada as contribuições dessa estratégia para o desenvolvimento da leitura, o reconhecimento da terminologia científica escrita e a ampliação do vocabulário científico em Língua Portuguesa por estudantes surdos. Pesquisas futuras poderão incluir instrumentos de observação sistemática, atividades de leitura, registros de interação e avaliações pedagógicas, de modo a investigar os efeitos da utilização do glossário interativo nos processos de aprendizagem.

Conclui-se que a experiência reafirma a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade linguística como elemento constitutivo da educação inclusiva. Mais do que incorporar recursos tecnológicos ao ambiente escolar, é fundamental

atribuir-lhes intencionalidade pedagógica, transformando-os em instrumentos de participação, acessibilidade e construção do conhecimento. Assim, a proposta demonstra que a aproximação entre tecnologia, visualidade, Libras e Língua Portuguesa pode abrir novos caminhos para uma educação científica mais acessível, significativa e comprometida com o direito de aprendizagem dos estudantes surdos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 5 nov. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Presidência da República, 2021.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Aspectos da visualidade na educação de surdos. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KARNOPP, Lodenir Becker; GURGEL, Lia Gonçalves. Narrativas sobre a educação literária bilíngue na prática pedagógica com alunos surdos. Reflexão e Ação, v. 23, n. 3, p. 261-280, 2015. DOI: https://doi.org/10.17058/rea.v23i3.6371.

LODI, Ana Claudia Balieiro; BORTOLOTTI, Elaine Cristina; CAVALMORETI, Maria José Zanatta. Letramentos de surdos: práticas sociais de linguagem entre duas línguas/culturas. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, n. 2, p. 131-149, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S2176-45732014000200009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-65.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. Educar em Revista, edição especial, n. 2, p. 143-157, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.37236.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 4. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2016.